

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO X

HOMENAGEM AO DOUTOR DAMIÃO PERES



COIMBRA / 1962

Prof. Doutor Damião Peres

Servindo a nossa Alma Mater com inteira devoção, não podemos ficar insensíveis ao exemplo daqueles que mais a ilustraram e ilustram com o seu maêistério e a sua actividade científica. Mais do que isso: sentimos ser nosso dever proclamar-lhes os méritos e as benemerências, apontando-os como exemplo, mérrmente quando, apesar da sua jubilação, perdura o eco das suas lições e dos seus ensinamentos. Ê o caso do Prof. Damião Peres.

Não pode, por isso, a Revista Portuguesa de História deixar de lhe prestar a sua mais viva homenagem, tanto mais que para com ele contraiu, desde a primeira hora, uma indelével dívida de gratidão.

Realmente, foi devido ao seu estímulo e ao seu conselho — bem como ao do Prof. Paulo Merêa — que foi possível dar vida a uma iniciativa como esta, que, apesar de todas as suas deficiências, tem procurado honestamente contribuir para o progresso dos estudos históricos portugueses, não só estimulando a nossa actividade científica, mas também acolhendo a colaboração de todos aqueles — nacionais ou estrangeiros — que desejem prestar a essa actividade o seu contributo.

Procurando caracterizar o espírito que enforma uma actividade assim, o grande Mestre que foi nosso devotadíssimo colaborador — o Prof. Pierre David — fá-lo em

termos de uma delicadeza e de uma sinceridade tão impressionantes, que não resistimos à tentação de os reproduzir aqui:

«J'y ai reconnu — diz o nosso saudoso Mestre, referindo-se a este Instituto de Estudos Históricos — ces disciplines intellectuelles qui sont en même temps des vertus morales, probité, patience, modestie dans la recherche, respect de la vérité, intransigeant jusqu'au scrupule, gratitude envers les maîtres disparus qui se concilie avec la volonté de vérifier données et solutions des problèmes». E depois de louvar a largueza do espírito de colaboração que nele encontrou, conclui: «C'est là une tradition de l'Université de Coimbra maintenue à l'Instituto de Estudos Históricos par son directeur M. le professeur Damião Peres, par M. Paulo Merêa, professeur à la Faculté de Droit, maîtres dont le nom suffit à qualifier le groupe» ().*

Por isso, a homenagem que a Revista Portuguesa de História presta neste momento ao primeiro destes Mestres é duplamente justa. A ela nos associamos como discípulo do Prof. Damião Peres desde há mais de quarenta anos, primeiro no liceu e depois na Faculdade de Letras do Porto, onde as suas lições impressionaram tanto o nosso espírito juvenil, que ainda hoje as recordamos com emoção.

Realmente, nunca mais deixámos de sentir o privilégio de ter sido seu aluno, e — o que mais é — de poder continuar a ser seu discípulo sempre atento.

(*) Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle, Avant-propos, pàg. XIV.

Já na revista Biblos, órgão da nossa Faculdade, foi prestada homenagem ao Prof. Damião Peres, recordando a sua actividade magistral e a sua obra, e exprimindo os sentimentos que lhe votam os seus colegas e alunos — sentimentos esses eloquentemente expressos no preciso momento da sua jubilação.

Não repetiremos agora o que já então se disse e se escreveu; mas não podemos deixar de nos referir aqui a dois aspectos salientes da sua personalidade moral e intelectual: os seus sentimentos tão largamente compreensivos e humanos, e a argúcia do seu espírito crítico, que lhe permite descortinar o sentido de factos aparentemente inexpressivos, e marcar-lhes a sua posição no devir histórico. É que são justamente estas qualidades que fizeram de Damião Peres Mestre de gerações sucessivas.

Sem veleidades críticas nem qualquer preocupação panegírica, permito-me lembrar alguns trabalhos seus, sobretudo os que, apesar de mais despretenciosos, não são dos menos significativos. Ê que são justamente esses trabalhos que melhor se coadunam com a modéstia e a simplicidade que caracterizam o espírito do seu Autor, exprimindo, por isso, mais perfeitamente a sua personalidade — uma personalidade tão forte que, quanto mais procura apagar-se, tanto mais vigorosamente se afirma.

Deixando de parte, entre outros, o seu tão sugestivo e aliciante estudo sobre D. João I (2), estudo esse em que

(2) Val. V da colecção «Grandes Vultos Portugueses», Lisboa, 1917.

já se pressente a garra do historiador de larga visão, começaremos por nos reierir ao que dedica à crise política de 1580 e ao governo do Prior do Crato (3), em que, sem trair a objectividade que se impõe ao Historiador, faz justiça à integridade moral de D. António, que nenhuma tentativa de suborno conseguiu vencer, e exalta a lealdade da gente portuguesa, dizendo comovidamente: «Enternece e orgulha que nenhuma das mãos portuguesas tivessem detido o Prior do Crato para o entregar aos seus cruéis inimigos, que nenhuns lábios portugueses comunicassem ao vencedor o paradeiro do vencido...» (4). É que Damião Peres tinha já adoptado como lema a bela fórmula do Proí. Gonçalves Cerejeira: «O historiador, com ser imparcial, não deve ser indiferente».

O livro que publicou em 1931 sobre A diplomacia portuguesa e a sucessão de Espanha (1700-1704) (5) constitui um valioso ensaio que confirma plenamente os seus notáveis recursos de investigador e de crítico. Mas é sobretudo na Introdução que fez à Crónica de D. Pedro I, de Fernão Lopes, que estas qualidades se afirmam exuberantemente (6). De facto, estabelecendo o confronto entre diversos passos da referida crónica—passos esses que põem em evidência alguns traços do carácter desse rei — e vários diplomas e textos legislativos coevos, o Dr. Damião Peres conclui, confirmando plenamente o juízo expresso pelo

(3) 1580 — *O governo do Prior do Crato*. (Barcelos, 1928.

(4) *Ibidem*, pág. II0'2v

(5) Constitui dissertação de concurso ao lugar de Professor catedrático de Ciências Históricas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(6) Edição de Barcelos, 1932.

Proi. Gonçalves Cerejeira (7), que o retrato moral, que desse monarca nos dá o Cronista, ioi, por muito estranho que pareça, objectivamente traçado.

Já em tempos tive ocasião de acentuar o grande mérito do vigoroso e expressivo ensaio que o Proi. Damião Peres tão sugestivamente intitulou Como nasceu Portugal (8). E, apesar de ver hoje o problema de diferente maneira, nem por isso me sinto obrigado a corrigir o que então airmei em seu louvor. É que, embora este trabalho seja daqueles a que a sua própria intenção criadora (no sentido histórico, que é, rigorosamente, bem entendido, recriação,) iaz envelhecer, nem por isso deixará de constituir um marco, ou melhor, um degrau, que não mais os historiadores deixarão de subir na sua marcha ascencional para a Verdade.

Em D. Pedro nas páginas do seu diário íntimo (8), se não é — nem podia ser — o Historiador que se afirma, é, no entanto, o Homem — o Homem bom, capaz de compreender a alma do Rei — «a respeitosa ternura de filho, a profunda seriedade de estudioso, a fina argúcia de político, a larga envergadura de estadista, e em tudo a indeiável firmeza de um grande carácter» — desse Rei que confessava que «o Poder faz esquecer o coração a muitos, mas principalmente aos que não o teem» (10).

(7) In *Do valor histórico de Fernão Lopes*. 'Coimbra, 1925.

(8) Barcelos, 1938. Desta obra foram já publicadas cinco edições sucessivamente remodeladas, sendo a 5.ª de 1959.

(9) Porto, 1948.

(10) *Ibidem*, pág., 19.

Realmente, Damião Peres, ao reterir-se comovidamente às virtudes de D. Pedro V, íaz delas paradigma das próprias virtudes, assumindo uma atitude tão sinceramente compreensiva e reverente, que nela se reilecte a sua própria alma.

Digno ainda de especial menção é o estudo sobre As Cortes de 1211 (n). escrito em 1940, embora só tenha sido publicado em 1949. É que, apesar da sua brevidade, constitui uma contribuição sagacíssima para o estudo da política de D. Alonso II, dando sentido à sua actividade legislativa, que, longe de ser desconexa, traduz uma orientação definida e nova (12).

Mas Damião Peres não limitou a sua operosa actividade historiográfica a estes e a outros estudos monográficos. Foi mais além, promovendo e dirigindo a publicação de uma grande História de Portugal (13), que representa um real progresso sobre as anteriores. Nela colaborou largamente, juntando-lhe, como suplemento, mais um volume — o IX — inteiramente da sua autoria, em que, com a mais rigorosa objectividade e espírito crítico, versa a história do regime republicano a partir da primeira Grande Guerra (14).

É, porém, como historiador da nossa expansão ultra-

(n) Publicado no tomo IV desta Revista.

(12) *Ibidem*, pág. 8.

(13) «Edição monumental comemorativa do 8.º centenário da fundação da Nacionalidade». 7 volumes. Barcelos, 1928-1935, seguidos de um volume de índices, publicado em 1937.

(14) *História de Portugal*, Suplemento. Porto, 1954.

marina que os méritos do Proi. Damião Peres conseguiram sobretudo airmar-se.

Entre outros, parecem-me dignos de especial menção os seguintes trabalhos:

O Império português na hora da Restauração (15), em que refere a pronta adesão das comunidades portuguesas de todas as partes do mundo ao movimento libertador de 1640; O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral (16), em que analisa o problema da intencionalidade do descobrimento, que considera como «consequência de uma constante cooperação de estudiosos e de navegadores» (17) ; o estudo sobre os Antecedentes históricos da legislação concernente ao ouro do Brasil nos séculos XVI a XVIII, que o leva a concluir «que, em todos os aspectos, as soluções dadas aos problemas mineiros do ouro brasileiro, sem serem cópia servil das já experimentadas na metrópole em tempos anteriores, nestas se inspiraram, repetindo-as por vezes, com um impressionante paralelismo formal» (18) ; Um capítulo de história económica baiana e sua integração na vida política brasileira de Setecentos: a exploração de salitre no Monte Alto, em que observa a crescente importância deste produto, que se apresenta como «respeito e defesa das monarquias»

(19) In *A Restauração e o Império colonial português*, Lisboa, 11940.

(16) O seu título completo é: *O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral: antecedentes e intencionalidade*. Porto e Rio de Janeiro, 1949,

(17). *Ibidem*, pág. 146.

(18) In *Estudos de História luso-brasileira*, publicados pela Academia Portuguesa da História, pág. 32. Lisboa, 1956.

primeiro, «um dos dois polos da Monarquia» depois, e, finalmente, «mais importante que as minas de ouro e diamantes (18); e a lucidíssima crítica que faz à contestação da prioridade portuguesa da circum-navegação da África austral por Bartolomeu Dias (20), em que analisa magistralmente a carta quatrocentista encomendada a Fra Mauro por D. Afonso V.

Finalmente, como que coroando esta série de trabalhos, o Doutor Damião Peres, enriqueceu mais ainda a historiografia portuguesa com a magistral obra de síntese que é a sua História dos Descobrimentos Portugueses (21)> onde, num estilo simples e aliciante, versa as nossas navegações descobridoras com uma erudição e um espírito crítico que constituem realmente a afirmação de um verdadeiro Historiador, que é simultaneamente um grande Mestre (22).

TORQUATO DE SOUSA SOARES

(19) *Ibidem*, págs. 71, 77 e 82.

(20) *Uma prioridade portuguesa contestada mas incontestável: a circum-navegação da África austral por Bartolomeu Dias*, publicada pela Academia Portuguesa da História. Lisboa, 1960.

(21) 1.ª edição; Porto, 1943; 2.ª edição (actualizada)*. Coimbra, 1960.

(22) Haja em vista, por exemplo, a análise que faz da carta que Gabriel Valsequa desenhou em 1439, que o leva a concluir que os Açores foram descobertos em 1427 pelo piloto Diogo de Silves (págs. '73 a *87 da 2.ª edição).